

**“Cultural shock” and environmental impacts: actuality on
Celso Furtado's work**

**“Choque cultural” e impactos ambientais: atualidades da
obra de Celso Furtado**

Julia de Almeida Maciel Levy Tavares¹, Maria Malta²

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia e do Instituto de Economia

julevy@gmail.com, mariammalta@yahoo.com.br

Abstract. *Several Brazilian thinkers are internationally recognized for the originality with which they treat structural problems in Brazil and Latin America without losing sight of human needs in a global context. Celso Furtado is, without a doubt, one of those great intellectuals and the relevance of his ideas is present in current and international discussions. Based on the book *O mito do desenvolvimento econômico* and the film *Choque cultural*, the aim of this article is to rescue and debate, in an introductory way, the deconstruction of the “myth of development” and the relevance of the cultural sphere in understanding the dependency mechanisms engendered by capitalist system.*

Keywords. *Celso Furtado. Culture. Environment. Capitalism. Dependency.*

Resumo. Diversos pensadores brasileiros são reconhecidos internacionalmente pela originalidade com que tratam problemas estruturais do Brasil e da América Latina sem perderem de vista as necessidades humanas num contexto global. Celso Furtado é, sem dúvida, um desses grandes intelectuais e a pertinência de suas ideias se faz presente em discussões atuais e internacionais. A partir do livro *O mito do desenvolvimento econômico* e do filme *Choque cultural*¹, o objetivo desse artigo é resgatar e debater, de forma introdutória, algumas questões por ele apontadas como a desconstrução do “mito do desenvolvimento” e a relevância da esfera cultural no entendimento dos mecanismos de dependência engendrados pelo sistema capitalista.

Palavras-chave. Celso Furtado. Cultura. Meio ambiente. Capitalismo. Dependência.

Recebido: 14/04/2022

Aceito: 16/05/2022

Publicado: 16/05/2022

DOI:10.51919/revista_sh.v1i0.355

¹ Direção de Zelito Viana. Rio de Janeiro: Mapa Filmes do Brasil, 1977. Filme (26 min).

1. Introdução

Apesar dos livros de Celso Furtado (1920-2004) terem sido traduzidos em diversas línguas e seu reconhecimento internacional ser notório, chama-nos atenção para sua obra ainda ser basicamente enquadrada nos cursos de história e desenvolvimento econômico e, raramente, visitada para além da “formação econômica” (KORNIS, 2012, p. 65; BORJA, 2019). Felizmente, muitos esforços vêm sendo feitos nesse sentido, possibilitando a ressignificação do caráter indisciplinar e original de suas análises, e esse artigo tenta se alinhar a esse movimento.

Uma outra questão que consideramos importante destacar, principalmente devido à crítica conjuntura do Brasil (e do mundo) hoje, é o fato de que “*a grande motivação de Furtado é política. Trata-se de um teórico do subdesenvolvimento dedicado a orientar os cidadãos do continente para uma ação transformadora.*” (BIELSCHOWSKY: 2010, p.109, *grifo nosso*). Na sua busca por tentar entender as causas das profundas desigualdades sociais brasileiras, a relutância em superar o subdesenvolvimento e a dependência externa do país, Furtado além de produzir uma complexa análise da sociedade brasileira (e do capitalismo, a partir da “periferia do sistema”), também está engajado em transformá-la, assumindo os riscos inerentes à práxis, os quais incidiram pesadamente sobre sua vida e trajetória intelectual durante a ditadura iniciada em 1964. (*Ibidem*, p110; MALTA *et. al.*:2020).

Por fim, iluminamos que o filme *Choque cultural*, cujo recente resgate e restauro, realizado pela produtora Mapa Filmes do Brasil do diretor Zelito Viana (1938 -), ao fazer uma importante conexão entre as obras *O mito do desenvolvimento econômico* (1974) e *Criatividade e dependência na civilização industrial* (1978), merece a transcrição de alguns de seus trechos (citados em itálico) a fim de proporcionar a (possíveis) leitores e pesquisadores a evolução de seu pensamento, assim como possibilitar o contato direto com suas ideias visto a originalidade e atualidade que ainda possuem.

2. Atualidades: do Mito ao Choque

Em meio a tantas notícias relativas à COP26 que demonstram que nada de muito concreto será feito para mudar o ciclo de destruição planetária e humana em que estamos inseridos, mesmo depois assistirmos a grandes incêndios em diversas localidades do mundo e de ainda estarmos lidando com a pandemia do covid-19 que tirou a vida de milhões de pessoas, a pergunta sobre o que leva a humanidade a persistir num caminho de (sabida) destruição se impõe. Revisitar a obra de alguns pensadores pode nos ajudar a entender que a ordem de tais problemas há muito é pensada e que as perdas humanas e devastações ambientais poderiam ser evitados.

Nesse sentido, Furtado em seu livro *O mito do desenvolvimento econômico* de 1974 e no filme *Choque cultural*² do diretor Zelito Viana, nos convida a reflexão sobre como as questões relativas à esfera da cultura e do meio ambiente estão interligadas, frutos que

² *Choque cultural* foi lançado e premiado em 1977 no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Em 2020 a produtora de Viana restaurou a obra para a ocasião das comemorações do Centenário Celso Furtado.

são das “tendências estruturais do sistema capitalista” (p. 15). Logo no primeiro capítulo do *Mito*, num “esforço de captação de aspectos fundamentais da evolução do capitalismo na fase de rápidas transformações” (p. 12) o autor destaca que:

Pouca ou nenhuma atenção foi dada às consequências no plano cultural, de um crescimento exponencial do stock de capital. As grandes metrópoles modernas com seu ar irrespirável, crescente criminalidade, deterioração dos serviços públicos, fuga da juventude na anti-cultura, surgiram como um pesadelo no sonho do progresso linear em que se embalavam os teóricos do crescimento. Menos atenção ainda se havia dado ao impacto no meio físico de um sistema de decisões cujos objetivos últimos são satisfazer interesses privados.” (pp. 16, 17).

Como alude o próprio título, *O Mito* vai esmiuçar o funcionamento do capitalismo a partir da desconstrução do conceito de “desenvolvimento” e da crença que uma suposta evolução econômica levará os países à níveis igualitários de vida:

O estilo de vida criado pelo capitalismo industrial sempre será o privilégio de uma minoria. O custo, em termos de depredação do mundo físico, desse estilo de vida, é de tal forma elevado que toda tentativa de generalizá-lo levaria inexoravelmente ao colapso de toda uma civilização, pondo em risco as possibilidades de sobrevivência da espécie humana. Temos assim a prova definitiva de que o *desenvolvimento econômico* – a ideia de que os *povos pobres* podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais *povos ricos* – é simplesmente irrealizável. Sabemos agora, de forma irrefutável, que as economias da periferia nunca serão *desenvolvidas*, no sentido de similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista. Mas, como negar que essa ideia tem sido de grande utilidade para mobilizar os povos da periferia e levá-los a aceitar enormes sacrifícios, para legitimar a destruição de formas de cultura *arcaicas*, para *explicar* e fazer *compreender* a *necessidade* de destruir o meio físico, para justificar formas de dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo? Cabe, portanto, afirmar que a ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito. Graças a ela tem sido possível desviar as atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abre ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos como são os *investimentos*, as *exportações* e o *crescimento*. (FURTADO, 1974, pp. 75, 76, *grifos do autor*)

Para Furtado a dominação dos países cênicos é construída através de uma dependência que “primeiramente é cultural” e parte do mimetismo de hábitos de consumo das classes dominantes dos países periféricos “sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos” (FURTADO, 1974, p. 81). MALTA *et. al.* destacam que:

Furtado percebe que o foco do movimento econômico, o sentido da tecnologia, é aumentar a produtividade dos setores que propiciam produção para a exportação e a obtenção de divisas /.../ sem preocupação com as necessidades internas da população e da estrutura produtiva do país. (2020, p.376)

E é neste ponto onde o entendimento do livro pode ser apoiado e ricamente ilustrado pelo filme de Viana, com imagens dos mais diversos interiores e sertões nordestinos, de redutos populares no Rio de Janeiro como a antiga “geral” do Maracanã e a Feira de São Cristóvão, diferentes tipos de salas fixas e itinerantes de cinemas, assim como de fragmentos radiofônicos e televisivos da época, justamente quando este último veículo de comunicação se ramificava massivamente em todo território nacional. Num país onde as

estatísticas mostram que as residências brasileiras possuem mais televisores que outros aparelhos de primeira necessidade, entender a penetração da cultura de massas antes da internet era, como mostra Furtado, essencial para se entender os problemas que um país desigual e dependente como o Brasil enfrentava naquele momento e que se perpetuam ainda hoje.



Figura 1: A “geral” e os “geraldinos” no Maracanã da década de 1970. O espaço foi extinto na reforma do estádio para a Copa do Mundo de 2014.

Fonte: Mapa Filmes do Brasil.

O filme começa com a música *Also sprach Zarathustra* (*Assim falou Zaratustra*) de Richard Strauss, popularizada pelo filme de Stanley Kubrick *2001 uma odisseia no espaço* (1968), enquanto cartelas apresentam o título e os créditos da equipe, sobrepondo-se às imagens da primeira sequência que se inicia numa festa, com a apresentação de um grupo musical cantando em inglês, num lugar que ao mesmo tempo nos é familiar, ao mesmo tempo estranho, já que a língua não é a que falamos. “Seria aquela alguma localidade brasileira?”, nos perguntamos. A câmera passeia por todo recinto sem pedir licença, sendo ignorada por alguns e estranhada por outros. A narração com a voz do diretor Zelito Viana nos explica que trata-se da “festa em homenagem ao santo padroeiro da cidade de Sanharó, município do agreste pernambucano, filmada em fevereiro de 1976”. Se em Kubrick seu filme nos leva a reflexão sobre a evolução humana desde seu “salto ontológico” até as mais avançadas estações espaciais, em Viana, a música de Strauss também nos remete à “gênese” e evolução da nossa própria formação social, representando o que seu título tão bem resume: o “choque cultural” que funda e estrutura a sociedade brasileira.

A música se funde com a fala de Furtado, e o corte na imagem o apresenta na biblioteca de sua casa no Rio de Janeiro. Em debate realizado na celebração do centenário e 2020, o diretor do filme nos conta que a entrevista que deu origem ao filme aconteceu por sugestão de Darcy Ribeiro, de quem estava muito próximo à época, devido a pesquisas sobre povos nativos do Brasil para outro filme seu. Ribeiro o sugerira que aproveitasse a vinda de Furtado ao Brasil e registrasse a conversa. Assim, Viana planejou tratar com Furtado sobre seu último livro, *O mito do desenvolvimento econômico*, mas, ao se encontrarem no apartamento de Furtado, este autoriza a gravação advertindo apenas que

não falaria sobre *O mito* ou sobre “o momento econômico”, e sim que gostaria de “falar sobre cultura”, assunto que o estava incomodando e o consumindo naquele momento.

Segundo Viana, *Choque cultural* não era o filme que ele planejou realizar, mas acabou se tornando o filme que Furtado propôs, um típico caso da realização documental, no qual as contingências do momento acabam se impondo sobre o fazer cinematográfico.

Vale ressaltar que naquele momento Furtado ainda estava exilado, vivendo fora do Brasil desde “a cassação de seus direitos políticos instituída pelo Ato Institucional número 1 (AI-1)” (MALTA *et. al.*: 2020, p. 377), tendo algumas poucas autorizações para vir ao seu país e viajar pelo mundo mesmo recebendo muitos convites de universidades e instituições para ministrar cursos e palestras. Com isso, podemos entender o senso de urgência que toma a entrevista e, ao contrário de outros filmes reflexivos que conseguem pensar e planejar melhor toda sua produção, as condições de vida de seu personagem principal acabaram por impor outros rigores à produção. Importante lembrar também que à época das filmagens o material sensível utilizado nas gravações (negativos de filme em 16 milímetros) embora já mais portáteis, não eram abundantes como são os equipamentos digitais. Filmar, revelar, montar, mixar, finalizar e exibir um filme eram processos caros e raros, ainda mais naquele período ditatorial em que um encontro com um exilado político implicava em riscos, inclusive de morte, para seus interlocutores.

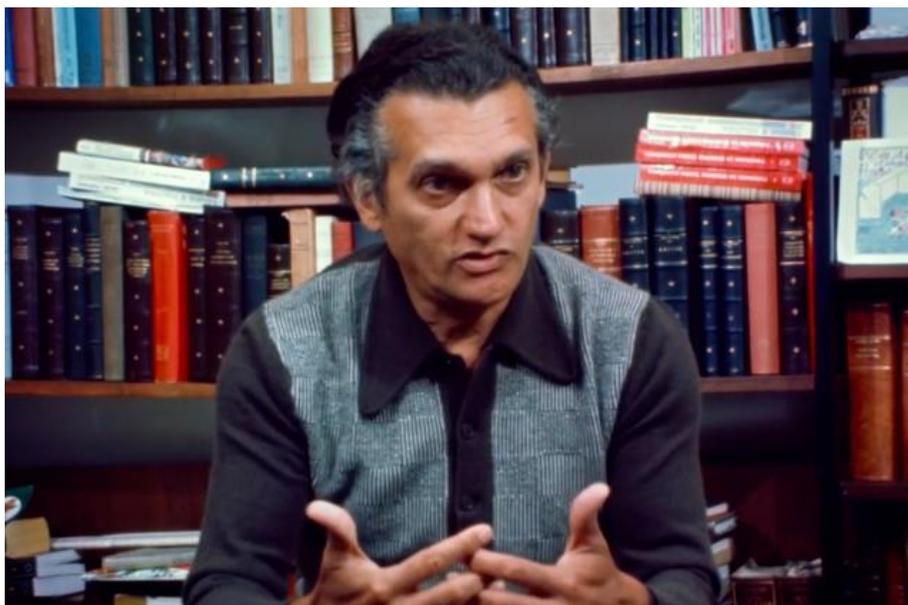


Figura 2: Celso Furtado em depoimento para o filme *Choque cultural*.

Fonte: Mapa Filmes do Brasil.

Assim, a linguagem encontrada por Viana deixa como fio condutor narrativo o discurso de Furtado, ilustrando-o com imagens captadas em diversas localidades do Brasil. Como falamos, alguns pontos do discurso de Furtado merecem destaque e eis que o filme começa com ele explicando o nosso primeiro “choque cultural”:

Para se compreender o Brasil, o fenômeno cultural brasileiro é importante partir dessa constatação de que o Brasil é um caso quase único de um país em que a economia de alguma maneira formou a sociedade. Historicamente as

sociedades iam se transformando e dando lugar às distintas formações econômicas, formações econômicas e sociais. No Brasil não. No Brasil realmente era um espaço, para raciocínio, pode-se imaginar que o Brasil era um espaço vazio inicialmente, porque as culturas que aqui existem não persistiram como sistema de cultura, foram mais ou menos desorganizadas, esfaceladas e então, foi implantado o sistema econômico, um sistema econômico sobre as fazendas, digamos assim, empresas agromercantis. E essa empresa passou a ser a verdadeira estrutura da sociedade.

/.../ A partir da empresa agromercantil, dessa sua estrutura, se cria a partir daí, um sistema evidentemente econômico, um sistema social, um sistema político. Daí temos duas coisas, primeiramente uma distância enorme entre os que mandam e os que estão em baixo, e o povo; em segundo lugar, que é muito importante, um autoritarismo quase estrutural nesse sistema, em que o econômico tem que ser sempre baseado, toda organização econômica tem que ser de alguma forma autoritária, daqueles que os objetivos têm que ser especificamente definidos e os que tomam decisões tem que ter o poder necessário para alcançar os objetivos que se propõe. (VIANA: 1977, fala de Furtado)

As referidas “empresas agromercantis” aqui chegaram com a “abertura de linhas comerciais de amplitude planetária, na primeira metade do século XVI” e expandiram e drenaram o excedente produtivo gerado “para certas regiões da Europa” (FURTADO, 1978, pp. 25, 26) – processo teorizado por Karl Marx (1818-1883) como a “assim chamada acumulação primitiva” e “constitui a pré-história do capital” (MARX, 1983, livro I, tomo 2, p. 262).

Em *Criatividade e dependência na civilização industrial*, Furtado expõe a continuidade dessa expansão com a revolução industrial e a sedimentação do modo de produção capitalista. Nela, a “dominação, tenderia a assumir formas cada vez mais sutis no campo econômico” atuando também no “sistema de cultura”. Para as ex-colônias, agora “economias dependentes”, “o comércio exterior [...] ampliava o fosso entre os níveis de acumulação” e, uma das vias de ação desse processo seria a “indireta”, através da replicação dos “padrões de consumo” dos países ricos (FURTADO, 1978, pp. 33, 37, 38).

3. Esfera cultural, processo de acumulação e consumo

Como podemos ver, o entendimento sobre a esfera da cultura para Furtado não é mero detalhe, ao contrário, sua análise sobre o capitalismo, sobre o subdesenvolvimento e a dependência dos países periféricos, coloca a esfera cultural no centro uma vez que esta é a base de determinação do processo de acumulação e do consumo. Numa passagem de *Criatividade e dependência na civilização industrial* o autor deixa mais nítida essa conexão:

O processo de acumulação é o eixo em torno do qual evolui não somente a economia capitalista, mas o conjunto das relações sociais em todas as sociedades em que se implantou a civilização industrial. A continuidade desse processo requer permanente transformação dos estilos de vida, no sentido da diversificação e sofisticação. Daí que haja surgido toda uma panóplia de técnicas sociais visando a condicionar a “massa de consumidores”, cujas “necessidades” são programadas em função dos respectivos níveis de renda, idades, disponibilidades de tempo “ocioso” etc. /.../ Portanto, o processo de acumulação tem na discriminação entre consumidores uma de suas alavancas mestras.

.../ O fluxo de inovações na esfera do consumo torna fictícia a ascensão social, mas a difusão de certas inovações permite que se diversifiquem os padrões de consumo da grande maioria da população. A interdependência entre o sistema de estímulos, que opera ao nível dos indivíduos, e o fluxo de inovações, que estimula a acumulação, faz que a civilização industrial tenda implacavelmente a manter a sociedade estratificada em função de padrões de consumo. (1978, pp. 46, 47)

Segundo MALTA *et.al.*, os padrões de consumo amarram os países periféricos a um “destino nacional ricardiano, sem preocupação com as necessidades internas da população e da estrutura produtiva do país” (2020, p.376), gerando uma dependência externa que aprisiona o destino dessas nações, pois a cada padrão de consumo corresponde um padrão de produção que precisará ser importado junto com ele, ou seja:

.../ A dependência é inicialmente cultural, na medida em que essa camada superior ela é simplesmente uma projeção do que vem de fora, e ela portanto é teleguiada .../ é como uma cultura que já recebe, programado de fora, o que vai fazer. Nesse sentido que isso traz complicações econômicas sérias .../ Quando uma sociedade pobre reproduz as formas de vida e os padrões culturais de uma sociedade rica, essa sociedade exige um sacrifício muito maior do povo. Em outras palavras, uma sociedade subdesenvolvida, ela é por definição muito mais injusta socialmente .../. (VIANA: 1977, fala de Furtado)

Todavia, o entendimento de Furtado sobre o significado da cultura vai além das implicações na esfera econômica, uma vez que está atrelado ao sentido da evolução humana:

Cultura .../ como respostas que uma sociedade dá a problemas que ela se cria .../ a cultura tem que ser uma forma como os homens resolvem os problemas que eles mesmo vão criando, à medida em que eles enriqueçam as suas relações uns com os outros. (Ibidem)

Em outro texto de 1984, Furtado vai expor sua preocupação em relação a essas “respostas” dos homens aos seus problemas, pertinente ao momento em que vivemos:

Na fase em que nos encontramos, o processo de globalização do sistema da cultura tende a ser cada vez mais rápido. Todos os povos lutam para ter acesso ao patrimônio cultural comum da humanidade, o qual se enriquece permanentemente. Resta saber quais serão os povos que continuarão a contribuir para esse enriquecimento e quais aqueles que serão relegados ao papel passivo de simples consumidores de bens culturais adquiridos nos mercados. Ter ou não acesso à criatividade, essa é a questão. (FURTADO, 1984, p. 25)

E, no que toca a um dos pontos centrais desse artigo, em contraponto a essa cultura “teleguiada” das “camadas superiores”, voltando ao *Choque cultural*, o autor vai explicar alguns dos traços da formação e transformação permanente da nossa cultura:

Primeiramente vejamos o que passava com a camada que estava em cima, a camada que estava aqui seguindo de alguma maneira os valores e projetos como uma projeção do sistema de cultura, de dentro tudo que se lia, tudo o que falavam digamos assim, os debates eram fundamentalmente em torno de temas culturais que vinham de fora .../.

Portanto essa camada superior ele é altamente vulnerável, a tudo que ocorre fora, ela é extremamente digamos, aberta ao que estava ocorrendo fora.

Mas por outro lado a comunicação entre essa camada e a massa realmente do povo, essa comunicação é dificultada pela distância enorme exatamente que se formou, é preciso ter em conta que o povo foi analfabeto, exemplificando, o povo não tem acesso à imprensa, o povo não tem acesso às escolas. E, por outro lado, esse povo recebeu contribuições culturais não europeias muito mais importantes do que a camada superior. Esse povo é em grande parte culturalmente africano, que se vê, digamos, na religião, se vê, digamos, na música, na cozinha, nos hábitos etc.

E o que me parece extraordinário no Brasil é a força enorme criadora desse povo, quiçá porque esteve mais longe, mais independente, não foi tão afetado não entrou na grande festa mimética de seguir a cultura de fora, estava distante e então ele manteve, desenvolveu um sistema de cultura próprio com a força considerável, com originalidade evidente. E o que nós vamos ver progressivamente, é que a verdadeira cultura brasileira, digamos a cultura erudita brasileira, ela será realizada em cima, na medida em que aqueles que estão em cima, são capazes de comunicar-se com os de baixo, de lançar uma sonda nas fossas profundas que vem de baixo.

/.../ o importante é permitir que as outras forças criadoras que já existem, tão sedimentadas, de um perfil cultural próprio do país não seja obstruído, que permaneça e que o intercâmbio, digamos, se faça de tal maneira que se possa enriquecer a cultura com que vem permanentemente de fora, ao natural, e ao mesmo tempo que as linhas evolutivas e a força criadora que está na própria cultura brasileira, na verdadeira cultura brasileira, essa continue a atuar sobre um todo e a enriquecer um todo. Só se é grande no Brasil se se tem raízes populares, só o povo no Brasil que tinha cultura, isso é importante.



Figura 3: Banda de Pífanos, Feira de Caruaru, agreste pernambucano, janeiro de 1976.

Fonte: Mapa Filmes do Brasil.

Ocorre é que uma das características do mundo em que nós vivemos, é que a cultura, que se chama cultura hoje em dia é algo que se fabrica e vende.

/.../ Na medida em que na cultura isso passa a ser fabricado, em verdade, nós assimilamos uma quantidade considerado de fórmulas culturais, de recursos culturais que não corresponde a problemas nossos, que vem simplesmente porque em dado momento é o que se está fabricando, se está vendendo, é o que está se fazendo lá fora. A cultura é hoje em dia de verdade um grande negócio, fabricar cultura, digamos assim, para um mercado, para venda.

.../ O que é importante que a sociedade conserve a sua originalidade e mantenha digamos, contar com sua própria força criadora, que como eu dizia, no nosso caso, vem de verdade do povo. É importante que os homens que têm essa cultura, que dão essas respostas no Brasil, eles tenham uma autonomia digamos, que eles pensem, eles creem, eles realizem a partir dos problemas da cultura brasileira /.../. (VIANA: 1977, fala de Furtado)

A análise dos acima trechos é deveras complexa e por vezes contraditória no que toca o entendimento sobre o que é cultura e a forma como é produzida³. Alguns termos nos chamam atenção por expressarem uma visão contraditória do autor: “camada superior”, “povo”, “cultura erudita brasileira”. Embora para o autor o povo seja o verdadeiro criador do que temos de mais genuíno e rico, cabe a outra classe atestar essa criação enquanto “cultura erudita brasileira”. Embora, como falamos, outros trechos contradigam essas afirmações e apresentem a cultura popular enquanto “força criadora” sem intermediários, nessas breves passagens percebemos certa influência de Karl Mannheim (1893 -1947) – e sua visão sobre os intelectuais –, o qual o próprio autor apresenta como uma de suas referências (VIEIRA, 2010).

Furtado apresenta a complexidade do “choque cultural” brasileiro num intenso processo de expansão do capitalismo que ocorre desde o século XVI. Num entendimento puramente economicista a ex-colônia Brasil pode ser vista como uma terra subdesenvolvida, nos termos atuais, “em desenvolvimento” ou ainda “emergente”. Furtado, entretanto, entende que mesmo com um processo autoritário como o que nos foi imposto, é possível analisar a realidade para além de parametrizações reducionistas e entender a riqueza da sociedade e como as “forças criadoras” ressignificam essa imposição, embora não a superem. Entendemos, assim, que o autor buscava demonstrar o quanto a luta contra o subdesenvolvimento deveria se dar na dialética manutenção e transformação permanente de um padrão cultural próprio, que responda aos problemas que interessam ao povo que o cria. Um padrão de cultura é um modo de ser, de reproduzir a vida, de estar no mundo e por isso não permite “teleguiamentos” sem nos fazer perder os elementos que nos fazem sentido.

4. O Mito e a crise ambiental

As questões ambientais não são o foco direto da nossa pesquisa. Nosso estudo busca entender a realidade brasileira a partir do audiovisual brasileiro, mas como uma de nossas bases teóricas é a obra de Furtado, constantemente esbarramos nos alertas que o autor fez ao longo de décadas sobre as relações da esfera cultural com uma possível (agora, atual) crise climática.

No filme algumas passagens merecem destaque pela clareza com que explicam e exemplificam, em discurso e imagens, os problemas gerados por “uma civilização que transforma de verdade e coloca tudo a serviço de um processo de acumulação” (VIANA: 1977, *fala de Furtado*) na busca do “mito do desenvolvimento” que muito mais domina, aprisiona e destrói no caminho de sua miragem:

³ Este artigo não pretende dar conta da complexidade do termo cultura ou mesmo sobre as discussões relativas à sua produção e muito menos sobre os embates sobre sua autenticidade. Nosso objetivo aqui foi, primordialmente, expor as ideias de Celso Furtado, a partir de um determinado recorte, e analisá-las nesse contexto, de forma introdutória.

/.../ Portanto existe primeiramente uma dominação cultural que abarca, que assume várias formas, é uma dessas formas é a dominação econômica. No Mito existe uma tese, que eu creio, que se pode quase hoje em dia demonstrar empiricamente, é que a civilização material criada no mundo ocidental, digamos assim, criada num mundo capitalista mas com grande parte está sendo também reproduzida no mundo socialista, digo uma situação material, essa civilização corresponde a um grau de acumulação de capital e há uma utilização intensiva de recurso não renováveis em tal escala ou em escala tal que se pretender-se generalizar essa civilização em escala planetária, teríamos evidentemente que enfrentar um colapso total, digamos, ecológico. (Ibidem)



Figura 4: Queimadas ao longo da BR101Rio-Bahia, dezembro de 1975.

Fonte: Mapa Filmes do Brasil.

E a partir daí que, quiçá está a crítica mais profunda da civilização em que vivemos, de é que ela é uma civilização que transforma de verdade e coloca tudo a serviço de um processo de acumulação, que, em si mesmo, leva a um conflito com o mundo exterior, isto é, com a ecologia, e leva, finda, também a transformar o homem, ele mesmo, e tudo aquilo que ele cria, tudo aquilo que produz, em objetos que se compra e vende. (Ibidem)

Embora Furtado não possua uma perspectiva teórica marxista e medie significativamente no sentido de acreditar na capacidade do Estado e das políticas públicas, bem elaboradas e administradas por um “*intelligentsia*”, capaz de ouvir as necessidades do povo, para superar os problemas trazidos pelo sistema cuja forma de desenvolvimento crítica, o autor encontra pontos de convergência com a visão marxiana exatamente na crítica à economia política. Na passagem acima (como em diversas outras), quando o autor denuncia que o processo de produção capitalista coloca tudo à serviço de um processo de acumulação levando à destruição do meio em que vivemos e o próprio desenvolvimento humano, acaba por reiterar as denúncias presentes no pensamento marxista. A recente obra *O capital na estufa: para a crítica da economia das mudanças climáticas*, traz, dentre outras questões, uma análise próxima de Furtado em muitos sentidos e torna ainda mais premente os alertas feitos por ele há mais de quarenta anos: “*se ainda resta alternativa, ela exige, de maneira incontornável, a radical subversão da lógica do capital e de todo o ordenamento social que a ela corresponde*” (SÁ BARRETO, 2018, p. 20, *grifos do autor*). Talvez Furtado buscasse uma subversão da lógica do capital ainda dentro do ordenamento social capitalista, mas este encontro do entendimento não nos parece menor no que se

refere a compreensão da necessidade de uma forma mais humana de se produzir materialmente a vida sem colapsar o planeta.

4. Considerações finais

A obra de Celso Furtado é complexa e apresenta diversos elementos que podem e são explorados em inúmeras pesquisas realizadas há décadas não apenas no Brasil. Entretanto, consideramos que a interdisciplinaridade de suas ideias ainda é pouco entendida e/ou explorada em relação a pertinência que representam para interpretações atuais sobre o entendimento do capitalismo. Formas mais sofisticadas de dominação e dependência estão em curso e enquanto pesquisadores (ou cidadãos) analisamos/sentimos isso no nosso cotidiano. Mas para entender a conjuntura atual precisamos de explicações (teorias) que tratem de forma crítica e ampla a complexa realidade. Assim como a teoria marxiana trata a totalidade social, em Furtado, a esfera cultural está, dialeticamente, implicada no funcionamento da “sociedade atual” como um todo, já que em “qualquer que seja o país considerado, é a sociedade capitalista” que se apresenta (TEIXEIRA, 2011, p. 334).

Num momento em que a pandemia atingiu duramente o planeta e no Brasil alguns grupos sofreram perdas irreparáveis de parte ancestral de suas culturas como o caso de diversos os povos indígenas e representantes da cultura afro-brasileira, parte das nossas riquezas naturais arderam em queimadas e incêndios criminosos como o que destruiu parte do acervo da Cinemateca Brasileira, entendemos que resgatar a obra daqueles que entenderam a diversidade e riqueza da formação brasileira se faz urgente e necessária para que nossa cultura resista enquanto expressão de nossos anseios e não se reduza apenas à “elementos de compra e venda” (VIANA, 1977).

Agradecimentos

Agradecemos à Zelito Viana e a equipe da Mapa Filmes do Brasil pela disponibilização do filme *Choque cultural* no evento citado e pela autorização de uso das imagens e informações utilizadas neste artigo.

Financiamento

A pesquisa de mestrado da qual resulta este artigo conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Referências bibliográficas

BIELSCHOWSKY, R. **Celso Furtado e o Pensamento Econômico Latino-Americano: Notas em homenagem aos 80 anos do mestre**. In: José Sydrião de Alencar Jr. (Org.). Celso Furtado e o desenvolvimento regional. 1ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005, v. 1, p. 137-164.

BORJA, B. **Desenvolvimento e política cultural: reflexões de Celso Furtado no caminho do Ministério da Cultura**. CADERNOS do DESENVOLVIMENTO, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 25, p. 39-56, jul.-dez. 2019. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/386> Acessado em: 03/06/2021.

CHOQUE cultural. Direção de Zelito Viana. Rio de Janeiro: Mapa Filmes do Brasil, 1977. Filme (26 min).

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. **Criatividade e dependência na civilização industrial.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

KORNIS, G. **A cultura no pensamento (e na ação) de Celso Furtado: desenvolvimento, criatividade, tradição e inovação.** São Paulo: Novos Estudos Cebrap, 2013 (Resenha).

LEVY T., J. de A. M., MALTA, M. M. de, CORRÊA, E. O., & BARBOSA, L. A. (2021). **Colaborações cinematográficas para ampliação do entendimento sobre a formação do Estado e da nação brasileira.** Revista Scientiarum Historia, 1, 10. https://doi.org/10.51919/revista_sh.v1i0.327

MALTA, LEON *et.al.* **Intelectuais Orgânicos e o Debate Público em Tempos de Crise - A Propósito dos Centenários de Celso Furtado e Florestan Fernandes.** *Anais do Congresso Scientiarum Historia XIII.* Rio de Janeiro: 2020, p 376. http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh13/anais_SH_XIII.pdf Acessado em: 24/10/2021.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política.** Coleção os Economistas, São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

SÁ BARRETO, E. **O capital na estufa: para a crítica da economia das mudanças climáticas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2018. 226 p.

TEIXEIRA, A. **Posfácio: Uma agenda para a (re)descoberta do Brasil.** In: MALTA, M. M. **Ecos do desenvolvimento: uma história do pensamento econômico brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Ipea, 2011. v. 1. 368 p.

VIEIRA, W. **A construção da nação no pensamento de Celso Furtado.** 2010. 241 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.